

MANIFESTO EM DEFESA DA REDE EPE: A PRIMEIRA LINHA DA DIPLOMACIA CULTURAL PORTUGUESA

Enquanto autores em língua portuguesa, enquanto cidadãos do espaço lusófono, e enquanto escritores, artistas, cineastas, atores, académicos, professores, músicos, programadores culturais, divulgadores de cultura, e criadores, nós, as abaixo-assinadas e os abaixo-assinados manifestamos a nossa preocupação pela proposta de reconfiguração do Regime Jurídico da Rede de Ensino Português no Estrangeiro (EPE) apresentada no mês passado pelas instâncias governamentais. A rede EPE afirma-se hoje como o mais sólido espaço de diálogos, circulações, trânsitos, e disseminação da literatura, arte e cultura portuguesas pelo mundo. É urgente e necessário rejeitar a precarização da rede EPE, conferir estabilidade, reconhecimento, e solidez às carreiras dos agentes desta rede, em particular os leitorados pelo mundo, em coerência com o papel fundamental que desempenham, frequentemente em condições de insustentável vulnerabilidade, na divulgação da cultura portuguesa.

Nós, criadores, educadores, e promotores culturais sabemos que, todos os dias, em todos os continentes, os Leitores e Professores em instituições com protocolos de cooperação, sob a coordenação do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, estão a trabalhar nas mais diversas línguas do mundo para organizar visitas de autoras e autores em língua portuguesa a dezenas de países por todo o planeta, através de conferências, lançamentos de livros, encontros em salas de aula, associações culturais, universidades e centros de investigação. A rede de Ensino Português no Estrangeiro não só cria e garante visibilidade às letras e à cultura produzidas em Portugal a uma escala global: esta rede cria pontes, todos os dias, entre escritores, comunidades, países, e os públicos mais diversos.

Se, ano após ano, Portugal é anunciado como o país convidado de eventos internacionais, como feiras do livro, mostras, congressos científicos, bienais de arte, encontros académicos, festivais de música, cinema, teatro, e performance, entre tantos outros, é graças ao trabalho minucioso e constante dos Leitorados, à capilaridade com alcance global que esta rede construiu, ao longo de décadas de trabalho, e ao estabelecimento de relações que são, também, relações de confiança, isto é, altamente pessoais. Todos os dias, algures no planeta, há uma Leitora ou um Leitor da rede EPE a organizar uma conferência, um seminário, um colóquio, um debate, com artistas e autores de língua portuguesa. Graças a elas e a eles, todos os dias se fala em português nalgum ponto do hemisfério.

A cultura em língua portuguesa, na globalidade das suas artes, letras, cinema, expressões plásticas e digitais, e todas as outras esferas criativas, têm nos Leitorados da rede EPE um dos mais sólidos pilares da sua internacionalização. Se hoje os livros escritos na nossa língua se encontram na linha da frente da literatura global, se são traduzidos e lidos em dezenas de outras línguas, e se as suas autoras e autores viajam pelo globo inteiro a apresentar, a divulgar e a debater as suas obras, isso deve-se, em primeira instância, ao trabalho imenso que se realiza nos Leitorados. Apesar de, a cada ano, o seu número ser menor e a sua situação profissional de quem neles trabalha mais vulnerável, são elas e eles que, todos os dias, levam a cabo a infinita e minuciosa tarefa de coordenar viagens, residências artísticas, traduções, participação em festivais e qualquer outra atividade que promova as suas obras, conquistando os mais diversos espaços de prestígio. São elas e eles que tecem diariamente esta poderosa e simultaneamente frágil teia de contactos, ligações, colaborações e pontes que tornam as culturas em língua portuguesa das mais estudadas em todo o mundo.

Também as comunidades portuguesas na diáspora contam com a rede EPE para as aproximar da cultura, das artes e das letras em Portugal. É através destes Professores e Leitores que, todos os dias, nos mais variados espaços pelo mundo, os lusodescendentes travam contacto com a cultura em língua portuguesa, (re)iniciando um processo de reconexão com as suas raízes. É a rede EPE que assegura que as filhas, netos, e descendentes de portugueses espalhados pelo mundo encontrem os nossos romances, poesia, música, cinema e outras artes em língua portuguesa; também por esta via, a nossa língua se inscreve continuamente em múltiplos, diversos e inovadores ambientes de produção, reflexão e fruição a nível mundial.

Os leitorados, protocolos de cooperação, Centros de Língua Portuguesa e Centros Culturais Portugueses e outros espaços da rede EPE constituem, por tudo isto, o mais valioso ativo da diplomacia cultural portuguesa pelo mundo. Reconhecer esta verdade evidente exige um investimento sério, empenhado e proativo na valorização do estatuto dos leitores, professores e outros profissionais desta rede. O reconhecimento e a procura de estabilidade laboral para os seus percursos equivalem, no fundo, a uma aposta legítima e necessária da imagem de Portugal no mundo, assim como na valorização da língua portuguesa e das suas culturas no plano internacional. Quando atravessamos um momento histórico marcado por incógnitas, crises humanitárias e incertezas quanto ao futuro, a importância de reconhecer o

trabalho humanístico, de promoção do diálogo, da leitura e das artes que a rede EPE leva a cabo todos os dias é mais premente do que nunca.

Para que possam continuar a desenvolver este trabalho, é fundamental que o seu mérito seja reconhecido, mas também que as estruturas legais em vigor acarinhem todos estes profissionais, em particular os leitores, garantindo-lhes a indispensável estabilidade, solidez de carreiras e vínculos laborais fortes. Só assim é possível assegurar continuidade, expansão, e qualidade do trabalho daqueles que nos recebem pelo mundo. A precarização da rede EPE não serve a estes profissionais de excelência, e eufemismos como "comissão de serviço" pouco fazem para disfarçar a falta de um empenho sério no investimento das suas carreiras. Mas mais: a precarização da rede EPE não serve Portugal, não serve Portugal no mundo, nem à língua portuguesa como um ativo global.

Por tudo isto, nós, as abaixo-assinadas e os abaixo-assinados, pedimos ao Governo da República Portuguesa a reconsideração da proposta de lei para o Regime Jurídico do Ensino Português no Estrangeiro, colocando no centro das prioridades a solidez, o reconhecimento e a estabilidade laboral e financeira de todos e de cada um dos elementos que constituem esta rede. Fazê-lo é do mais indispensável respeito pela língua que nos une.

Pedro Lopes de Almeida (Professor Universitário, EUA)